

## APRESENTAÇÃO

No *Íon*, quando Sócrates perguntava ao rapsodo sobre a consistência do processo que subjazia à formulação de seus textos, um termo surgia destacado: *entusiasmo*, condição em que aquele que cria e age com e através da palavra se apresenta enquanto tomado de assalto por uma instância exterior. Para Platão, essa exterioridade dizia respeito precisamente às Musas, às divindades. No entanto, na modernidade, ou melhor, no tempo da secularização e do declínio dos fundamentos outrora participantes da esfera do sacro, a instância exterior que atravessa e perfaz a criação dos textos se abre e se dissemina revolvendo consigo séries de fantasias, de figurações, de imagens e de semblantes que, sem remeter imediata e necessariamente ao divino, podem incidir sobre a consistência mesma da linguagem – em sua originalidade fugidia e silenciosa –, do espanto e do estranhamento que impulsionam à elaboração dos discursos. Assim, o entusiasmo, longe de determinar apenas uma das etapas que alicerçam a escritura, parece desempenhar um papel insistentemente problemático sobre a qual os textos também se desdobram na tentativa de exercitar a capacidade para o pensamento.

Abrindo este número, Edgardo Castro, professor de Filosofia Política na Universidad de San Martín (Buenos Aires, Argentina), apresenta o texto “Modernidad y entusiasmo: a propósito de la lectura foucaultiana de Kant” através do qual, sem recorrer a uma restrição metologicamente genealógica, propõe pensar a categoria de temporalidade permeada pelo entusiasmo. Nesse sentido, sua leitura percorre a definição do termo “modernidade” em seus desdobramentos históricos, filosóficos e axiológicos, incidindo especialmente sobre a leitura que Michel Foucault elaborou, partindo de Immanuel Kant, em torno da ontologia do presente.

Em seguida, Alberto Pucheu, poeta e professor de Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o texto intitulado “Poesia, Pós-Poesia e Pós-Espanto em *A Morte de Tony Bennet*, de Leonardo Gandolfi”, percorre a compreensão do entusiasmo apresentada no diálogo *Íon* de Platão, a fim de apontar, na modernidade, um deslocamento prático-conceitual em que a antiga necessidade da presença dos deuses se abre a uma especial atenção à ordem do discurso. Assim, voltando-se para o modo de formulação dos poemas publicados por Leonardo Gandolfi em *A Morte de Tony Bennet*, Alberto Pucheu chama a atenção para uma ambivalência processual entre poesia e espionagem, em que o poeta utiliza uma estratégia de apropriação da tradição, na qual se destacam os deslizamentos e as derrapagens de sentido, de onde emerge uma consideração em torno do tempo

da apoesia.

Leonardo D'Ávila, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, com o texto “Conhecer o entusiasmo” se dispõe a apresentar um percurso conceitual especialmente atento ao aspecto epistemológico envolvido na noção de entusiasmo. Assim, ao percorrer algumas concepções fornecidas por Voltaire, Locke, A. Schlegel, Mme. de Staël, Cortázar, procura-se destacar uma desconsideração do caráter epistêmico do conceito. A interrogativa ainda irrespondida acerca do conhecer o entusiasmo está implicitamente presente na possibilidade de possuir a possessão ou, como Whitman assinalou, na perceptibilidade da mudez no texto. Sobre o reconhecimento de tal mudez, sob perspectiva blanchotiana, Eleonora Frenkel, doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta o texto “Maurice Blanchot e o silêncio da palavra”. Tomando como partida questões que aparecem no movimento surrealista, tais como o absoluto, a impossibilidade e a indiscernibilidade entre real e imaginário, o texto discorre sobre este lugar de tensão no qual Maurice Blanchot opera.

Ravel Giordano Paz, vinculado à Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, apresenta o texto “A invocação dos rancores: alieni(ili)smo e (in)transcendência na *Perturbação* de Thomas Bernhard”. A partir de algumas questões de *Perturbação*, o autor salienta o drama – eminentemente trágico – que ali se anuncia, uma sorte de impossibilidade de fixidez, logo, de problematização das relações estáveis. A leitura, atravessada pela questão do estranho-familiar, aponta para o declínio da identidade ou da propriedade.

Julieta Lerman, doutoranda da Universidad de Buenos Aires, no texto “El silencio de la sirena: lo sublime em Alejandra Pizarnik”, se propõe a pensar a poética pizarnikiana enquanto uma reelaboração do sublime. Nesse sentido, seguindo a linhagem de Vallejo, Huidobro e Gironde, entende-se que Pizarnik apresenta uma escritura fragmentária e esvaziada, disposta a salientar, sobretudo, o silêncio das palavras. Nas diversas configurações deste silêncio, instância em que se amalgamam o monstruoso e o aterrador, o inenarrável e o irrepresentável, configura-se o sublime pizarnikiano – espaço por excelência da potência do sentido e dos questionamentos sobre a possibilidade da poesia.

Em seguida, o número 17 do *Boletim de Pesquisa NELIC* também apresenta aos leitores brasileiros duas traduções. A primeira, elaborada por Larissa Costa da Mata, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, se refere ao ensaio “Mímico Dada”, escrito por Hal Foster e publicado originalmente no verão de 2003 na renomada revista *October*. Nesse texto, o ensaísta norte-

americano se dispõe a tratar do percurso performativo envolvido no pensamento constelar da apresentação feita por Hugo Ball, em 23 de junho de 1916, no *Cabaret Voltaire*. Atravessando, então, as figurações xamânicas, infantis e demônicas mobilizadas pelo *performer* dadaísta, Hal Foster chama a atenção para a gestualidade envolvida na noção de homem novo que, especialmente nas duas primeiras décadas do século passado, convulsionava o pensamento das correlações entre o âmbito da estética e da política. A segunda tradução, elaborada por Diego Cervelin, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, diz respeito ao estudo “Etimologia e mitologia do ‘daimon’”, escrito por Flavio Cuniberto, professor de Estética na Università di Perugia (Itália). Publicado originalmente na coletânea *Arte e daimon*, organizada por Daniela Angelucci e publicada pela editora Quodlibet, em 2002, o ensaio de Flavio Cuniberto apresenta uma confluência de erudição e perspicácia em que o percurso investigativo atravessa os desdobramentos e variações do *daimon* e de sua imagética. Nesse sentido, as noções de impessoalidade e possessão inscritas no *daimon* vêm consideradas em suas especiais relações com a multiplicidade das cores, das luzes, atentando inclusive para o pensamento da capacidade criativa – ou demiúrgica – do homem. Apresentando, então, uma conexão entre o *daimon* e o Arlequim, o estudo sobre a “Etimologia e a mitologia do ‘daimon’” abre espaço para uma reconsideração das imagens arlequinais empregadas, por exemplo, ao longo da produção poética de Mário de Andrade, de Jorge de Lima.

Encerrando o presente número do *Boletim de Pesquisa NELIC*, Luciana Di Leone, pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta sua resenha do livro *As artes do entusiasmo*, organizado por Fernando Muniz e publicado pela editora 7letras, em 2011.

Com isso, a Equipe Editorial do *Boletim de Pesquisa NELIC* agradece a prestatividade e a gentileza de todos os escritores, saudando inclusive a delicadeza dos professores Flavio Cuniberto e Hal Foster ao cederem seus ensaios para a tradução. Desejamos, então, uma leitura especialmente entusiástica a todos.